

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**

LEONARDO CABRAL MOREIRA

**CONCEPÇÕES DE ENSINO QUE AMPARAM A AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE A REPROVAÇÃO**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

LEONARDO CABRAL MOREIRA

**CONCEPÇÕES DE ENSINO QUE AMPARAM A AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE A REPROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Licenciado no curso Educação
Física Licenciatura na Universidade do Extremo Sul
Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Ms. Victor Julierme Santos da
Conceição

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

LEONARDO CABRAL MOREIRA

**CONCEPÇÕES DE ENSINO QUE AMPARAM A AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE A REPROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de Licenciado no curso Educação Física na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC,

Criciúma, 02 de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Victor Julierme S. da Conceição – mestre – (UNESC) – Orientador

Prof^a. Elisa Fátima Stradiotto – Mestra – (UNESC)

Prof. Iruan Teixeira – Especialista – (UNESC)

Dedico este trabalho a toda a minha família, especialmente minha mãe, meu pai e minha noiva que estiveram sempre ao meu lado. Dedico também ao meu Orientador Victor Julierme S. da Conceição pela paciência, dedicação e compreensão e a todas as pessoas que me deram força e acreditaram na minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fazer sempre acreditar que poderia chegar até aqui, me dando força e guiando os meus passos com sabedoria e serenidade, e nos momentos mais difíceis me ajudou a ter fé naquilo que eu mais queria e não desistir dos meus objetivos e sonhos. Agradeço minha mãe principalmente, pois foi quem esteve sempre ao meu lado dando todo amor, carinho e afeto que um filho necessita nos momentos turbulentos. Meu pai que batalhou durante todo o meu período na universidade para que eu estivesse aqui neste momento, e a toda minha família que sempre me deu apoio durante toda a minha formação. Não posso deixar de citar aqui minha noiva Marília, que esteve literalmente ao meu lado não só como noiva, mas como minha amiga, me ajudando e dando força desde o início, compartilhando todos os momentos felizes e tristes desta jornada.

A todos os professores que tiveram sua passagem pela minha vida acadêmica, ensinando e compartilhando o dom do conhecimento, que certamente foram servirão para sempre como exemplo de modelo a ser seguido, e que certamente foram responsáveis por está conquista.

Em especial entre os professores, meu professor orientador Victor Julierme Santos da Conceição, que presente a todo o momento, sendo paciente perante meus problemas e dificuldades, foi dedicado e me ajudou a chegar ao final do trabalho com sucesso, que seguirei como maior exemplo para me tornar um ótimo profissional.

Agradeço aos professores Iruan Teixeira e Eliza Fátima Stradiotto por aceitarem o meu pedido para ser banca examinadora do trabalho e também os professores entrevistados que aceitaram participar gentilmente da minha pesquisa.

A todos os meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, especialmente a Edna e Rogério, que foram as pessoas que sempre acreditaram que eu chegaria até aqui mesmo em meio a tantas dificuldades.

A todas essas pessoas de extrema importância na minha vida, a minha
ETERNA GRATIDÃO!

“A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos.”

Marcel Proust

RESUMO

O presente trabalho tem como tema: Concepções de ensino que amparam a Avaliação na disciplina de Educação Física no ensino médio: um olhar sobre a reprovação. O problema da pesquisa foi: Qual a visão dos professores de Educação Física sobre a Reprovação no ensino médio? Tendo como objetivo geral descrever como os professores de Educação Física escolar, observam a avaliação e a reprovação nesta disciplina, buscando entender as concepções que embasam as decisões metodológicas construídas durante o desenvolvimento profissional destes professores. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo qualitativa. Utilizei como instrumento para coleta de dados, uma entrevista semi-estruturada aplicada diretamente com três professores de Educação Física de três escolas de diferentes regiões de Criciúma. No referencial teórico abordam-se questões sobre concepções de ensino, avaliação escolar e avaliação na Educação Física. Através deste referencial que pude compreender as falas dos colaboradores, e na análise de dados realizada através da pesquisa, pude entender que alguns professores foram talvez influenciados na sua formação inicial, e que por isso não abordam a avaliação com tanta importância, mas se apropriam dela para dar suporte e garantia de participação dos alunos nas aulas. A avaliação para outros ainda é um processo de medir conhecimentos, usada ainda de forma quantitativa, analisando por meio das notas o nível alcançado pelos alunos. Notas de participação também são provavelmente usadas pela observação nas aulas, onde mais uma vez a avaliação é usada como forma de garantia para a prática das atividades. Pesquisas e trabalhos escritos também são métodos na hora de avaliar, mas também percebi que é uma forma de mostrar há comunidade escolar a importância da Educação Física, para que outras disciplinas enxerguem que há muitos conteúdos a serem trabalhados. Por fim, busquei através da entrevista, ver o que os professores pensam da reprovação na disciplina de Educação Física, mas o que pude perceber é que a reprovação é algo raro nas escolas, e que muitas vezes a palavra “reprovação” é usada apenas para amedrontar os alunos, que conseqüentemente utilizam da avaliação como forma de punição, como se fosse resolver os problemas metodológicos e pedagógicos da escola.

Palavras-chave: **Avaliação. Educação Física escolar. Ensino Médio**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SC – Santa Catarina

ACT – Admitido em Caráter Temporário

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Identificação dos professores que participaram da entrevista como colaboradores.....	32
QUADRO 2 – Descrição da organização para realização das entrevistas, data, duração, e tempo de transcrição das entrevistas.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	17
2.1 Concepções de ensino: entendendo o papel da educação física escolar	17
2.1.1 Desafios das propostas pedagógicas progressistas da educação física.....	21
2.2 Avaliação escolar: o objetivo da avaliação no processo de ensino aprendizagem	22
2.3 Avaliação em Educação Física	25
3 METODOLOGIA.....	28
3.1 Caracterização	28
3.2 Negociação de acesso ao campo de investigação e colaboradores	28
3.3 Instrumentos para coleta de dados	33
3.4 Análise das informações	34
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS FALAS DOS PROFESSORES	36
4.1 Formação Inicial e Prática Pedagógica: como eram as aulas e a avaliação na Educação Física escolar	36
4.2 Desvalorização da Educação Física escolar: reflexões na avaliação	39
4.3 Concepções sobre Avaliação: a reprovação em debate	43
5 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE	54
APÊNDICE A:.....	55
ANEXOS	56
ANEXO A	57

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre o tema avaliação em Educação Física, não é apenas tirar uma simples dúvida, mas fazer com que nós futuros professores, tenhamos critérios em nossas decisões e que a vida profissional tenha algum sentido. Pensar em avaliação educacional é entender que a prática educativa do professor está embasada por uma série de fundamentações epistemológicas que são adquiridas em diferentes experiências da vida acadêmica e profissional. Mizukani (1986) observa que a construção da identidade profissional do professor ocorre durante toda a sua vida. Começa nas experiências como estudante passa pela aquisição de saberes durante a formação inicial e se reorganiza durante a sua experiência docente na socialização com seus pares e com a organização escolar.

Para justificar o porquê deste tema, tenho como real motivo o simples fato de que a educação física não é vista com importância pela comunidade escolar. A forma com esta disciplina é encarada hoje, pode virar em um grande problema no futuro, um futuro talvez muito próximo. Essa visão, embora possa parecer pessimista, tem me marcado nas experiências vividas nas atividades dos estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios. Em conversa com professores e com estudantes, rotineiramente me deparo com dificuldades e com visões sobre a Educação Física escolar que demarcam uma identidade secundária sobre ela.

Segundo Ilha e Krug (2008), o professor de educação física muitas vezes não integra as discussões nos Conselhos de classe e reuniões pedagógicas, já que essa função entendida por muitos de ser visto como recreacionista seja ultrapassada. Destacam em seu estudo que para mudar esse pensamento o professor de educação física deve participar das atividades extra-classes, demonstrar interesse e a possibilidade de contribuir com o trabalho interdisciplinar e de caráter geral da escola, dos alunos, e também contribuindo com a sua formação profissional. Já Gatti (2000), destaca que a valorização social real de uma área profissional traz reflexos nas estruturas da carreira e nos salários a ela relativos. Destaca que os professores são profissionais que tem dificuldades de consolidar estruturas de carreira para a categoria bem como de perceber bons níveis salariais. Assim, nestas condições, a autora salienta que, aliada a uma outra dificuldade, a da clareza do papel do professor na sociedade atual, tem-se configurado uma situação

de condições precárias de profissionalização dos professores e conseqüentemente uma desvalorização social crescente.

Embora os estudantes terem grande vontade em participar das aulas de Educação Física, os mesmos mostram que ela não apresenta grande importância em relação as demais disciplinas que compõe o currículo escolar. Esta visão dualista, gostar, mas não achar importante, demonstra que a organização pedagógica da Educação Física escolar, muitas vezes voltada á um conhecimento estritamente prático, não configuram no estudante um parecer formal de ensino.

O grande fantasma que assombra as mentes de muitos acadêmicos na educação física hoje é onde vão trabalhar e se vão conseguir trabalhar um dia na área, por isso deve ser mudado e com certeza levará tempo para mudar o “pré conceito” estabelecido pela sociedade em relação à educação física, mas para tudo que queremos ver mudança, o primeiro passo deve ser dado, portanto aqui começamos a dar o primeiro passo, através desse trabalho de Conclusão de Curso.

A avaliação como é de interesse entre todas as disciplinas acadêmicas, ela é usada para dar suporte e construção dos objetivos, dar visibilidade não apenas as dimensões propriamente pedagógicas, mas, sobretudo, as dimensões sociais, ideológicas, e gestionárias que fizeram da avaliação, o eixo das estruturas políticas educativas.

Portanto me propus neste trabalho de conclusão de curso responder o seguinte problema de conhecimento: “Qual a visão dos professores de Educação Física sobre a Reprovação no ensino médio?”. Mesmo sabendo que a Educação Física é uma disciplina de componente curricular obrigatório, ainda ficam no ar questões sobre essa disciplina, que norteiam algumas mentes de nós acadêmicos, prestes a ter a responsabilidade de avaliar seus alunos.

Como objetivo geral, busquei Descrever como os professores de Educação Física escolar, observam a avaliação e a reprovação nesta disciplina, buscando entender as concepções que embasam as decisões metodológicas construídas durante o desenvolvimento profissional destes professores.

Já com os objetivos específicos busquei verificar a autonomia do professor no que se refere a avaliação na disciplina Educação Física; entender como os professores utilizam a avaliação no processo de ensino aprendizagem dos estudantes; analisar a importância atribuída á Educação Física pelos professores dessa disciplina; verificar a importância da avaliação nas aulas de Educação Física;

e, entender o sentido da reprovação na disciplina de Educação Física por parte dos professores.

Como fundamentação para o trabalho, utilizei de Mizukami (1986), e Saviane (2009), para abordar o conteúdo sobre as concepções de ensino. Como referência para o capítulo que trata das propostas progressistas da Educação Física foi utilizado de Bracht (1999) e referente a avaliação escolar, Souza (1997) e Libâneo (1994), são os autores mais destacados neste capítulo. Sobre a avaliação em Educação Física, foram mais explorados Coletivo de Autores (1992) e Freire (1994) para o referencial.

Para tratar das especificações da metodologia no presente estudo, utilizei os autores Molina Neto (2004) e Negrini (2004), como referência na caracterização, negociação de acesso ao campo de investigação e colaboradores, e instrumento para coleta de dados.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEPÇÕES DE ENSINO: ENTENDENDO O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com Mizukami (1986), há várias formas de entender o processo ensino-aprendizagem, e desse modo que busquei por meio deste capítulo, analisar estas concepções de ensino que permeiam criticamente este processo.

A abordagem tradicional, segundo Mizukami (1986), não é constituída por abordagem teórica, mas sim pelo acúmulo de experiências através dos anos. Trata-se de uma concepção e uma prática educacional que persistiram no tempo, em suas diferentes formas, e que passaram a fornecer um quadro referencial para todas as demais abordagens que a ela se seguiram. (MIZUKAMI, 1986).

Para Snyders (1974, apud MIZUKAMI, 1986), é uma abordagem embasada no positivismo, que privilegia a transmissão do conhecimento a partir do socialismo instrumental e entende que o papel da educação é preencher lacunas dos alunos. Contudo, o professor tem o papel de transmissão de conhecimento produzido independente do interesse do aluno. (SAVIANI, 2009, p. 29).

A educação, segundo Mizukami (1986), é entendida por muitos autores, como instrução, caracterizada pela transmissão de conhecimento, papel restritamente a escola. Ainda assim na educação, ela é proposta e defendida por decisões verticais, ou seja, decisões tomadas por uma hierarquização. (SNYDERS apud MIZUKAMI, 1986). O aluno por sua vez, só poderá chegar a um nível de conhecimento adequado, se seguir o caminho estipulado pelo professor. (MIZUKAMI, 1986).

A educação portanto, é entendida pela abordagem tradicional segundo Mizukami (1986), como um produto a ser melhorado, onde a transmissão de conhecimento é a principal forma de chegar a um modelo específico.

De acordo com Mizukami (1986), a avaliação na abordagem tradicional visa no aluno, a quantidade possível de informação que ele consegue adquirir, demonstrando por meio de suas notas, o nível de conhecimento alcançado.

Entende-se portanto, que a abordagem tradicional, coloca explicitamente o professor como a base única para a transmissão de conhecimento, e que o aluno

é um ser passivo, que apenas recebe os conteúdos de forma a garantir a aquisição de patrimônios culturais.

De acordo com Saviani (2009), a abordagem tradicional tem como principal papel transmitir o conhecimento de forma sistematizada, sendo que o aluno é apenas um acumulador de informações que deverão então ser assimilados. O professor nessa pedagogia deveria apenas estar razoavelmente preparado para aplicar as lições de modo que os alunos disciplinadamente seguissem o sistema.

Saviani (2009), também explica que a escola que seguia esta tendência com tempo foi decepcionando pelo fato de que nem todos os alunos obtinham progresso, e os que obtinham não eram bem sucedidos. Desse modo, as críticas a essa teoria foram aumentando significativamente sendo chamado assim de Escola Tradicional.

A abordagem comportamentalista indica segundo a autora (MIZUKAMI, 1986), que o conhecimento é adquirido de forma empírica, através das experiências vividas por um indivíduo.

O aluno é um receptor de informações, mas é através das observações e respostas de aprendizagem que o comportamento poderá ser modificado através de treinamento com objetivos pré definidos, podendo assim o professor direcionar o seu trabalho ou desenvolver outros padrões. (MIZUKAMI, 1986).

A educação por sua vez, está ligada intimamente a transmissão cultural, que segundo a autora.

A educação, pois, deverá transmitir conhecimentos, assim como comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo/ambiente (cultural, social etc.). (MIZUKAMI, 1986).

A educação tem como objetivo promover mudanças nas quais o indivíduo tem necessidade, sendo eles novos comportamentos ou a mudança de alguns já existentes. Desse modo, sendo capaz de moldar o seu próprio ambiente no qual é almejado. Segundo Mizukami (1986), o indivíduo deve ser responsável pelo seus próprios reforços que elicitam seus comportamentos, mas que podem levar provavelmente a um estado de baixo rendimento para si ou seu meio social.

Nesta abordagem, a avaliação tem como objetivo saber se o aluno adquiriu os conhecimentos, e de acordo com o seu comportamento através de uma pré-testagem que serão planejados os próximos processos de ensino-aprendizagem. (MIZUKAMI, 1986).

É por meio da observação do comportamento relacionada às experiências vividas, que esta abordagem permite no processo ensino-aprendizagem que cada aluno seja visto em particular, de forma individualizada, mas que a transmissão cultural seja a partir de uma programação por assim dizer mais eficaz.

De acordo com Mizukami (1986), essa abordagem tem como foco, o processo ensino-aprendizagem centrados no aluno. Por meio desse método de ensino, o aluno desenvolve e resulta em uma melhora na relação interpessoal dentro da sua própria realidade. A construção do conhecimento é promovida pelo professor que oferece condições necessárias dentro do seu meio social para que o aluno possa então aprender.

A educação permite ao aluno, que essas condições oferecidas possa torná-los capaz de resolver os problemas por si mesmos, se adaptando a resolver novos problemas colaborando assim com outros indivíduos. (MIZUKAMI, 1986).

A educação tem como finalidade primeira a criação de condições que facilitem a aprendizagem do aluno, e como objetivo básico liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional. (MIZUKAMI, 1986. p. 44).

Segundo Mizukami (1986), a educação tem como objetivo criar situações para que o aluno descubra seus próprios motivos para aprender, adaptando-se as mudanças de forma autônoma, sem sentir-se assim a obrigação dessas mudanças.

A avaliação nesta abordagem refere-se ao aluno como o verdadeiro responsável por alcançar seus objetivos no processo ensino-aprendizagem, e não o processo padronizado pelo professor que garanti a transmissão cultural.

Mizukami (1986), na abordagem humanista, refere-se ao aluno como o principal sujeito no processo ensino-aprendizagem, onde o professor torna-se, portanto um facilitador pedagógico, podendo então fazer com que o aluno busque sua auto-realização nesse processo.

Nesta abordagem, Mizukami (1986) se refere ao processo de ensino-aprendizagem como uma forma de organização de pensamentos e raciocínio, formando novos conceitos pelas informações adquiridas.

O aluno por meio da educação deve alcançar sua própria autonomia intelectual para que possa aprender e buscar o conhecimento. A educação consiste também em criar situações que possibilitem a socialização dos alunos, isso fará com

que eles pratiquem e participem de atividades em grupo, onde cada um poderá demonstrar a visão e compreensão de sua realidade. (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Mizukami (1986), a avaliação é baseada no que o aluno adquiriu, demonstrando seu rendimento por meio das relações e informações que implicam em sua realidade, pois o aluno tem uma visão diferenciada de sociedade dependendo de cada fase em que se encontra.

A abordagem cognitivista segundo Mizukami (1986), tem um foco maior na educação pré-escolar, onde o objetivo maior não exclusivamente fazer com que o aluno adquira novos conhecimentos, mas apenas desenvolver conhecimentos já existentes e inerentes a fase vigente.

A educação nesta abordagem consiste em criar situações que possibilitem o aluno a sua socialização sem interferência do adulto, onde atividades em grupo possibilitem sua autonomia e vivencie a democracia. A avaliação deve ser entendida mesmo dentro dos próprios erros dos alunos, pois ele interpreta soluções de acordo o seu mundo e sua realidade em cada fase de desenvolvimento.

A abordagem Sócio-cultural, segundo Mizukami (1986), é baseada nos estudos de Paulo Freire, que devido a preocupação com a cultura popular, procura trazer valores a população e criar condições para que sejam consumidas e não assumidas. Supõe-se então que os educadores influenciaram suas concepções de ensino através de sua literatura ou pela própria formação dos professores para criar essas condições.

Na educação, Mizukami (1986) aponta que o homem é o sujeito em que deve ser feita a reflexão da sua realidade e a falta dessa reflexão do homem e análise do meio cultural implica em redução do trabalho educativo e uma educação pré-fabricada.

O homem não participará ativamente da história, da sociedade, da transformação da realidade, se não tiver condições de tomar consciência da realidade e, mais ainda, da sua própria capacidade de transformá-la. (MIZUKAMI, 1986, p. 94).

A educação tem como papel fundamental, a transformação e evolução da consciência. A avaliação na abordagem sócio-cultural, não poderá ser através de notas, pois seu objetivo é analisar as dificuldades e progressos do aluno, portanto, auto-avaliação é o que fundamenta a prática educativa. (MIZUKAMI, 1986).

Mizukami (1986) analisa os conceitos estabelecidos nesta abordagem, e descreve a ciência como um produto histórico, a educação como ato político, e o

conhecimento como transformação e não transmissão de conteúdos. Tendo o sujeito como o foco na aprendizagem.

2.1.1 Desafios das propostas pedagógicas progressistas da educação física

Segundo Bracht (1999), as propostas pedagógicas progressistas em Educação Física têm como desafio principal conquistar sua legitimidade no campo pedagógico, desde questões relativas à sua implementação, como incorporar a prática pedagógica nas escolas, até questões mais teóricas que diz respeito às suas bases epistemológicas. A educação Física vem sofrendo com essa falta de legitimidade, pois a crescente procura de setores ligados as práticas corporais para iniciação esportiva sem depender da Educação Física escolar e a promoção da saúde tem virado um assunto de revitalização pelos setores conservadores de legitimar a Educação Física na escola.

Através de uma teoria mais crítica que podemos encontrar argumentos para legitimar a Educação Física, onde a cultura corporal pode ter um significado mais amplo de forma que o aluno possa buscar e permitir exercer a sua cidadania. Fazer uma leitura adequada da “política do corpo” ou então de como o “corpo” aparece na atual dinâmica cultural, com suas intersecções sociais, que podemos situar o papel da escola neste processo, analisando o percurso da história do corpo para entender a cultura corporal do movimento no âmbito da Educação Física escolar.

Uma redescoberta se deu nas últimas três décadas não podendo ser discutida de forma muito abrangente, mas que essa redescoberta está presente também no meio acadêmico, onde o corpo passa a ser objeto privilegiado da história, da filosofia, da antropologia, da psicologia da aprendizagem. Mesmo que o corpo seja digno das diversas disciplinas científicas, objetos de atenção da teoria política às teorias da aprendizagem são, seguramente, múltiplas e complexas.

A partir da década de 1960 que a dimensão do corpo tem uma importância melhor e um significado maior nas teorias explicativas de algumas ciências e a reconhecê-lo como problema ou objeto. Bracht (1999), se refere às teorias da sociologia, da história e da antropologia que enfatizam a importância da ação sobre o corpo como elemento da ordem social, à filosofia, campo em que, depois da crise da razão iluminista, percebe-se a retomada do tema da dimensão

não-racional do comportamento humano ou da sua dimensão estética. Se estivermos adotando uma nova visão do corpo, numa transição da cultura ocidental que supere a base da Educação Física moderna. Em que medida as práticas corporais da atual dinâmica cultural ainda são tributárias fiéis daquela visão moderna de corpo? Estamos caminhando para num campo bastante complexo, indefinido, que não admite simplificações e que se coloca como desafio.

Um dos desafios das propostas progressistas é conseguir encará-las como propostas que articulam as mudanças ou permanências nas estruturas sociais, ou seja, essas pedagogias se nutrem de um projeto alternativo de sociedade que precisa se afirmar diante do hoje hegemônico. Daí a importância de uma leitura adequada da realidade que possa se articular com um projeto alternativo realizável. (BRACHT, 1999). Outro desafio se refere á uma mudança de pensamento no que se refere o núcleo central da pedagogia crítica, superar, por meio de uma leitura crítica da realidade a ideologia, superar uma visão superficial, distorcida ou falsa da realidade.

2.2 Avaliação escolar: o objetivo da avaliação no processo de ensino aprendizagem

Para iniciar este sub-capítulo, irei apresentar brevemente sobre a avaliação, o percurso que ela vem percorrendo na história da aprendizagem, desde os primeiros conceitos, até resultados mais abrangentes da avaliação. Os primeiros conceitos referentes à avaliação da aprendizagem estavam ligados a idéia de medir ou simplesmente comparar.

Segundo Depresbiteris, (1989 apud FERREIRA, 2010), relataram que em 2.205 a.C. já existiam exames de seleção, quando o imperador chinês Shun examinava seus oficiais a cada três anos, com o objetivo de promovê-los ou demiti-los. Na Idade Média, embora não se tenha registro, verifica-se a existência de exames nas escolas gregas e romanas. As provas orais eram bastante utilizadas nas universidades européias.

Ainda segundo Depresbiteris, (1989 apud FERREIRA, 2010), afirma ainda que nos Estados Unidos da América, Horace Mann – (1796-1859) - criou um sistema de testagem pioneiro na área da educação. A experiência foi feita aplicando exames

numa amostra dos estudantes de escolas públicas de Boston. Posteriormente, foram feitos testes em larga escala com o objetivo de sugerir melhorias nos padrões educacionais. Assim, se substituí exames orais por escritos, maior quantidade de questões específicas e padrões mais objetivos do alcance escolar.

Avaliação pode ser entendida como um elemento que gera informações sobre o processo educacional, tendo um referencial valorativo, podendo assim sofrer mudanças e intervenções necessárias para a concretização do projeto político pedagógico. (SOUSA, 1997)

Moretto (2001, p. 2) ao abordar sobre avaliação destaca que avaliar é:

[...] a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. Se a abordagem no ensino foi dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem seguirá a mesma orientação.

A avaliação é parte integrante do ensino e da aprendizagem. A perspectiva construtivista sócio-interacionista propõe uma nova relação entre o professor, e o aluno e o conhecimento, ela parte do princípio que o aluno não é um simples acumulador de informações, ele é um construtor do próprio conhecimento. Essa construção se dá com a mediação do professor, numa ação do aluno que estabelece a relação entre suas concepções prévias e o objeto de conhecimento proposto pela escola. Assim fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor. (MORETTO, 2001, p. 2).

De acordo com Libâneo (1994), a avaliação tem três funções: a função pedagógica *didática*, que se refere aos objetivos gerais e específicos, bem como os meios para atingi-los, pois estes constituem um ponto de partida, e os critérios e procedimentos avaliativos. A função *diagnóstica*: essa função permeia todas as fases do ensino, possibilitando o cumprimento da primeira função citada. Portanto, se refere à análise sistemática das ações do professor e dos alunos, visando detectar os avanços e desvios do trabalho docente em relação aos objetivos, conteúdos e métodos. E por último, a função de *controle*, que se refere à comprovação e qualificação sistemática dos resultados da aprendizagem dos alunos, face ao proposto pelo professor.

O processo de ensino-aprendizagem perante a avaliação tem como objetivo também a Verificação: coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos, através de provas, exercícios e tarefas ou meio auxiliares, como observação de

desempenho, entrevistas etc.; Qualificação: comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos e, conforme o caso, atribuição de notas ou conceitos; Apreciação Qualitativa: avaliação propriamente dita dos resultados, referindo-os a padrões de desempenho esperados. (LIBÂNEO, 1994, p. 196).

Cabe ressaltar aqui, para além desta definição da palavra “avaliação” no contexto escolar, que a mesma pode apresentar diferentes significados, de acordo com as concepções de educação, escola, conhecimento, processo de ensino e trabalho em que esteja inserida. (SOUSA, 1997).

Souza (1997, p. 129), também destaca referente à avaliação, três funções básicas:

Diagnosticar: evidenciar o aluno no que diz respeito a interesses, necessidades conhecimentos e/ou habilidades, previstos pelos objetivos educacionais propostos, e identificar causas de dificuldades de aprendizagem;

Retroinformar: evidenciar os resultados alcançados no processo ensino aprendizagem, apoiando o replanejamento do trabalho com base nas informações obtidas;

Favorecer o desenvolvimento individual: atuar como atividade que estimula o desenvolvimento do aluno, no sentido de que se conheça melhor e de que se desenvolva a capacidade de auto-avaliar-se.

Segundo o autor, fazer um diagnóstico sobre o aluno faz com que possamos identificar suas dificuldades e assim desenvolver as capacidades através de um planejamento feito pelas informações obtidas, de acordo com suas necessidades.

Segundo Sousa (1997, p. 127):

Avaliar o contexto escolar ultrapassa a apreciação do desempenho do aluno, que deve ser analisado de modo relacionado com o desempenho do professor e as condições da escola. Ou seja, é necessário construir-se uma prática sistemática de avaliação dos diversos sujeitos e componentes da organização, como: a atuação do professor e de outros profissionais; os conteúdos e processos de ensino; as condições, dinâmicas e relação de trabalho; os recursos físicos e materiais disponíveis; a articulação da escola com a comunidade.

Souza (1997), aborda que os critérios para avaliação devem estar de acordo com a realidade de toda a comunidade escolar, por que uma observação superficial infringe em desviar o processo e os objetivos a ser seguidos. Portanto, este professor deve estar preparado para qualquer limitação que envolva este processo de ensino-aprendizagem.

2.3 Avaliação em Educação Física

De acordo com Coletivos de Autores (1992), o processo ensino aprendizagem se transforma em uma ferramenta onde o professor e os alunos ensinam e aprendem uma relação baseada no diálogo. O professor que deverá ter uma concepção de sociedade e qual tipo de aluno quer formar para esta ferramenta seja eficaz, sendo assim, o aluno entenderá seu papel dentro da sociedade podendo ser crítico e participativo, mas com critérios, contribuindo na transformação e construção do conhecimento.

Os autores acima destacam que na Educação Física a “[...] avaliação do processo ensino aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar estes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos”. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 98).

Cabe ao professor ter o conhecimento em aplicar na Educação Física mecanismos de transformação dessa realidade de prática pedagógica, muito utilizada nas escolas onde as crianças são observadas e avaliadas por seu desempenho motor fisiológico em busca de atletas.

Nesta busca, Coletivos de Autores (1992), descreve que surge uma separação entre alunos com potencial atlético esportivizado dos outros alunos, a Educação Física como disciplina deve nortear e agir com igualdade, mostrando e fazendo a inclusão que privilegie os princípios da criatividade na compreensão da realidade em que estão inseridas, portanto deve-se:

[...] considerar na avaliação que o patrimônio que se expressa nas possibilidades corporais, no acervo de conhecimentos sobre a cultura corporal [...] o uso de medidas e a avaliação não deve neutralizar, mas sim possibilitar uma leitura crítica dessas condições para, a partir daí, ampliar e aprofundar a compreensão dessa realidade. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.105).

Conforme Coletivos de Autores (1992), um aspecto importantíssimo no processo ensino aprendizagem que trata dos erros e acertos nas aulas de Educação Física. O acerto e o erro segundo os autores compõem no processo avaliativo uma parte do nosso dia a dia e participa do nosso cotidiano. Assim no esporte como na vida o aluno dever ter a consciência que errar faz parte e cabe a todos os envolvidos nesse processo saber diagnosticar e transformar esses erros e acertos, em vez se puni-lo sempre que erra uma atividade.

Como traz o Coletivo de Autores (1992), é através da expressão corporal enquanto linguagem que será mediado o processo de sociabilização das crianças e jovens na busca da apreensão a atuação autônoma e crítica da realidade, através do conhecimento sistematizado, ampliando, aprofundando, especificamente no âmbito da cultura corporal. Nessa perspectiva, a Educação Física pode trazer contribuições relevantes ao esforço coletivo de construção de um projeto político-pedagógico de significações, implicações e conseqüências sociais. Com esse foco, o sentido da avaliação na Educação Física escolar é o de fazer com que ela sirva de referência para a análise da aproximação ou distanciamento do eixo curricular que norteia o projeto pedagógico da escola.

Betti (2002), cita em seu artigo que a Educação Física culturalmente não pode e nem deve fugir do esporte espetáculo, e ao aluno deve estar a par desse fenômeno, mas faz ressalvas de como deve ser tratado o assunto no âmbito escolar.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade de vida. (BETTI, 2002, p. 75).

Freire (1994), aponta que a história da educação física está ligada à história das medições. Qualquer que seja o instrumento adotado para a avaliação, este apresenta inúmeras limitações. Se for um instrumento quantitativo, logo se poderá perceber que a atividade humana é imensurável e que só poderá fornecer alguns dados que ajudem numa avaliação também qualitativa. Se for um instrumento qualitativo, faltará a objetividade, o que exigirá, de quem o aplicar, um conhecimento mais amplo do sujeito avaliado. (FREIRE, 1994, p.202).

Para Freire (1994), a Educação Física tem várias vertentes difusas, que fazem parte do processo de aprendizagem do movimento, força, resistência, agilidade, equilíbrio, afetividade, sociabilidade, ritmo e outros. O problema está concentrado nos professores, que tem sua atenção centralizada no que condiz com sua área. Se, na Educação Física, utilizarmos o mesmo esquema, vamos nos ater somente ao aspecto motor. Segundo Freire (1994), cada setor do conhecimento cuida de sua parte específica, se descuidando da criança como um todo.

Segundo Freire (1994), pode-se propor um teste para medir o comportamento social do aluno, através de pesquisa para obter informações do

relacionamento em grupo. Mas esse método não se torna de grande valia, se obter esses dados sobre o aspecto social do aluno não forem utilizados corretamente, pois as relações sociais das crianças só podem ser avaliadas se levamos em consideração os aspectos qualitativos de uma relação.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentei cada etapa na qual descrevem a metodologia, como caracterização, escolha dos colaboradores e descrição dos mesmos, acesso e negociação ao campo de pesquisa e instrumento para coleta de dados.

3.1 Caracterização

Com o objetivo de compreender melhor as concepções de ensino que embasam a avaliação na disciplina de Educação Física escolar, caracterizamos este trabalho como uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, que segundo Molina Neto (2004), trata-se de uma investigação centrada na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório.

3.2 Negociação de acesso ao campo de investigação e colaboradores

De acordo com cada comunidade escolar em cada região a cidade de Criciúma-SC, a realidade do sistema educacional do ensino médio pode ter particularidades significativamente importantes. Para então conseguir as informações necessárias para coleta de dados, optei por realizar entrevistas com três professores do ensino médio, de três escolas de diferentes localidades da região de Criciúma. Escolhi, portanto trabalhar com uma escola estadual do Bairro Próspera no período noturno (escola A), uma escola estadual na região do Bairro Rio Maina, no período matutino (escola B), e uma particular da região do Pinheirinho (escola C).

A primeira escola a ser escolhida para ser feita a entrevista foi na estadual matutino, na região do Rio Maina, no município de Criciúma – SC. A escola hoje atende 1075 alunos, divididos em ensino fundamental, ensino médio e magistério, possui 14 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de ciências, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma cozinha, um refeitório, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de assistência pedagógica, 6 banheiros masculinos e 6 banheiros femininos, 2 vestiários, 1 ginásio coberto com sala de materiais, sala de jogos e banheiros, uma quadra.

O ginásio de esportes que a escola possui conta com uma quadra poliesportiva, que possui também um palco que está sendo utilizado para a prática de tênis de mesa. Na parte da lateral interna do ginásio tem a sala de materiais que está dividida por professores e de uso coletivo e individual, e ao lado, outra sala onde encontra-se jogos para os alunos praticarem. O corpo docente da escola é composto por 50 professores, sendo que 35 são efetivos, 15 ACTs (Admitido em Caráter Temporário), desses 50 professores, 4 são professores de Educação Física, onde um destes é ACT.

A escola da região do Rio Maina foi a primeira a ser escolhida, por estar atuando no Estágio Supervisionado obrigatório IV, na mesma época, portanto foi mais fácil para entrar em contato com o professor do ensino médio, onde ela aceitou ser colaborador do meu estudo.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, ela refere-se à avaliação a partir da perspectiva diagnóstica, inclusiva e emancipatória, permitindo a identificação das diferentes formas de apropriação do conhecimento científico elaborado, garantindo a sua construção. Ela deve fornecer subsídios ao professor para que este avalie o próprio processo de aprendizagem e busque compreender as defasagens de aprendizagem dos alunos e a eficiência ou não da metodologia e das estratégias utilizadas. A avaliação e o seu resultado não devem ficar fragmentados em tempos determinados e em espaços rígidos, deve ser contínua. Deverá assim, orientar decisões do professor no planejamento pedagógico para que possa ir além do nível de desenvolvimento real do aluno, comprometendo-se com a dinâmica do processo de aprendizagem deste aluno e considerando o aluno como indivíduo com aspectos sociais, culturais, biológicos, afetivos e cognitivos.

A segunda escola que escolhi para realizar a pesquisa, como havia planejado com meu orientador, foi uma estadual no período noturno, portanto optei por escolher uma mais próxima de minha residência, que então seria de uma região diferente das outras escolhidas, sendo esta situada na região Próspera, no município de Criciúma. A escola hoje tem em sua infra-estrutura 12 salas de aula, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala de professores, um laboratório de química, um laboratório de artes, uma sala de Educação Física vinculada ao almoxarifado, uma quadra de esportes, um campo de areia, um campo de terra batida, um banheiro masculino e um feminino.

A escola suporta em média 600 alunos, dentro do ensino fundamental da 6ª a 8ª série e ensino médio. No corpo docente da escola, encontra-se hoje 36 professores, sendo que destes 29 são efetivos, contando também com uma assistente de educação, dois assistentes técnicos pedagógicos, duas orientadoras, uma supervisora, um segurança, quatro serventes, e três funcionários terceirizados para alimentação. A escola não está nas mais perfeitas condições, mas sua estrutura ainda se mantém inclusiva para alunos especiais.

O PPP da escola mostra que em um capítulo, a avaliação é da verificação do rendimento escolar, onde é um processo gradual e contínuo que visa detectar a eficiência ou não da metodologia e das estratégias utilizadas, objetivando o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação deverá orientar as decisões do professor no planejamento do seu fazer pedagógico para que possa ir além do nível de desenvolvimento real dos alunos, comprometendo-se com a dinâmica do processo de aprendizagem. Considera-se então o aluno como um indivíduo com aspectos sociais, culturais, biológicos e afetivos diferenciados, mas a relevância da avaliação será sobre os seus aspectos cognitivos, sob os conceitos aprendidos.

A terceira e última escola foi uma escola particular. Optei por fazer onde tinha melhor relação com o professor de Educação Física, onde não encontrei nenhuma negativa para obter as informações na entrevista. Já para conseguir algumas informações da escola como a análise de conjuntura e o PPP da escola para falar da avaliação, que por ser muito grande e um pouco mais burocrático, houve um pouco mais de trabalho, mas fui recebido muito bem e com muita educação pelos funcionários que me ajudaram a chegar nesses dados. Mas o campo de acesso para a realização da entrevista não tive problemas.

A escola possui aproximadamente sete mil alunos, sendo que estes alunos estão divididos em cento e vinte turmas ministradas por trezentos e setenta professores, sendo que dezessete atuam na área de Educação Física. A instituição é cuidada por seiscentos e oitenta funcionários, e contam com a colaboração de trinta estagiários, e incluem trinta e oito serventes.

Os professores que atuam na escola têm especialização técnica e graduação. Os professores com faixa etária mais ou menos de 30 anos, trabalham na instituição e em outros lugares como colégios, empresas e universidades. Quanto ao espaço físico, a escola possui um bem amplo, com um pátio suficiente para

acomodar todos que compõem a escola. As salas de aula são bem espaçosas, arejadas e cômodas, e que não se encontram sobrecarregadas com excesso de alunos. Possui duas cozinhas bem amplas e organizadas, um refeitório bem grande nas mesmas condições. Os banheiros têm uma contagem de dezoito no total, uma biblioteca, sessenta e cinco laboratórios contando com o de informática, química e biologia, sempre organizado e mantendo todos os materiais no lugar. A estrutura inclusiva é adequada, mas que atualmente está felizmente ocorrendo melhorias.

Para as aulas de Educação Física, o espaço é muito bem aproveitado pelos professores e alunos, sendo que alguns destes espaços são utilizados também fora do horário de aula. Os espaços para aula de Educação Física incluem pista de atletismo com uma arquibancada, sala de dança, academia, dois ginásios cobertos, dois campos de futebol e quadras ao ar livre para a prática das atividades.

Sobre a avaliação, o PPP diz que a legislação educacional dispõe que o processo avaliativo deve ter um novo enfoque, no qual o docente e o discente, numa relação dialética de ensino e de aprendizagem, são sujeitos deste processo de construção do conhecimento. Partindo desta afirmação, de uma aprendizagem com significado e da necessidade em formarmos um ser humano com visão ampla e capacidade de resolução de situações, definimos uma metodologia de avaliação a ser aplicada na educação básica da Instituição.

A avaliação do rendimento do aluno deverá ser contínua e cumulativa, mediante verificação de aprendizagem de conhecimentos e do desenvolvimento de competências em atividades de classe e extraclasse, incluídos os procedimentos próprios de recuperação paralela.

A avaliação na escola particular, está centrada na análise de informações sobre atividades que acontecem no espaço de dentro e fora da sala de aula. Tem o objetivo de criar novas possibilidades e significados para a produção do conhecimento, pelo discente. Decorre das ações propostas pela Instituição, com o objetivo de aprimorar no discente o conhecimento e a compreensão da realidade. Neste sentido, a avaliação constitui-se como atividade educativa, que é processual, investigativa e redimensionadora da prática docente. A escola contempla no processo de avaliação três modalidades:

Diagnóstica - É processo constante e faz parte do cotidiano das aulas, onde o docente age como investigador das potencialidades e níveis de desenvolvimentos

dos discentes, tendo por base as problematizações e conteúdos/conceitos (meios) para estipular suas hipóteses.

Formativa - É uma modalidade importantíssima no ato de aprender e ensinar, uma vez que indica qualitativamente as melhorias a serem realizadas no processo, tanto por discentes, docentes e o coletivo que os envolvem.

Somativa - Utilizada para avaliar o aproveitamento, seguindo as especificações legais, contemplando uma dimensão mensurável, quantitativa, estipulando mínimos necessários para aprovações ou reprovações dos discentes.

Com os colaboradores, realizei entrevistas com três professores do ensino médio de diferentes escolas de região de Criciúma, estes que hoje trabalham em escola estadual no período noturno, escola estadual no período matutino e escola particular. Para então obter as informações para coleta de dados, foi usando de nomes fictícios que identifiquei os professores em cada entrevista, mantendo assim o anonimato dos mesmos.

Para selecionar os 3 professores para realizar as entrevistas, levei em consideração a particularidade que cada professor poderia apresentar de acordo com a sua realidade em relação a recursos, região ou até mesmo período. Os professores têm quase em média a mesma idade e tempo de profissão, no qual optei por fazer com esses professores, para entender que visão cada um tinha, logo que cada um deles atua em realidades bem distintas.

Escolhi duas escolas públicas de regiões e períodos diferentes, uma no período matutino, e outra no período noturno, para melhor entender que concepções de ensino e visão do ensino médio cada um poderiam apresentar. Por último, optei por realizar a entrevista com um professor de uma escola particular, onde este talvez pudesse apresentar as diferenças do ensino particular do público, como também dos próprios alunos do ensino médio.

A professora Lisa, tem 41 anos, é casada e tem dois filhos. Começou a trabalhar como professora em 1989 e está desde 2003 na atual escola. Leciona com alunos da 7ª, 8ª e ensino médio, mas também trabalha na rede municipal com educação infantil.

A professora Maggy, tem 45 anos, é solteira e tem dois filhos. Já trabalha na área desde 1986, mas foi a partir do ano de 1994 que começou a trabalhar nesta escola. Atua com turmas a partir da 7ª série, e nesta mesma escola, dá aulas de

dança e oficinas de saúde e qualidade de vida, mas já trabalhou também em academias.

O professor Bart, tem 51 anos, é casado e tem dois filhos. Como profissional, começou no ano de 1987 e em 1993 entrou como professor nesta escola. Atua hoje apenas com alunos do 2º ano do ensino médio, mas suas experiências na área da Educação Física já vêm desde 1981. Trabalhou como professor de basquete e voleibol e arbitro de atletismo, no qual ainda é registrado pela Federação Catarinense e Brasileira de Atletismo.

Quadro 01. Identificação dos professores de Educação Física que participaram do estudo como colaboradores.

Professores	Lisa	Maggy	Bart
Escola	B	A	C
Sexo	Feminino	Feminino	Masculino
Idade	41 anos	45 anos	51 anos
Tempo de Profissão	22 anos	25 anos	27 anos
Ano de formação	1991	1988	1990
Carga Horária	40 horas	40 horas	40 horas
Nº de turmas	14 turmas	16 turmas	2 turmas

Fonte: Moreira (2011)

3.3 Instrumentos para coleta de dados

Como instrumento para coleta de dados, foi feita uma entrevista de porte qualitativo, que no caso do presente estudo, é usada para saber a opinião de especialistas em determinado momento, sobre a temática em concreto.

Segundo Negrini (2004), a entrevista constitui em uma estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado. O que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas e previamente elaborou como roteiro.

Sendo esta, uma pesquisa de corte qualitativo, foi realizada uma entrevista semi-estruturada (APENDICE A), a partir dos objetivos. No qual é feita para obter informações de questões concretas definidas pelo pesquisador, e ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo

liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. (NEGRINI, 2004).

Para obter através da entrevista como instrumento de coleta de dados, foram feitas perguntas “abertas”, que segundo o autor, as perguntas abertas abrem caminhos para que o entrevistador possa, no decorrer da entrevista, obter informações mais exatas sobre o que deseja saber. (NEGRINI, 2004. p. 76).

Quadro 02. Descrição da organização para realização das entrevistas, data, duração e tempo de transcrição das entrevistas.

Professores	Data da entrevista	Duração da entrevista	Tempo de duração da transcrição
Lisa	29/09/2011	16 min. 53 s	1 h 10 min.
Maggy	06/10/2011	11 min. 19 s	55 min.
Bart	14/10/2011	7 min. 18 s	45 min.

Fonte: Moreira (2011)

3.4 Análise das informações

A análise das informações coletados pela entrevista foi realizada a partir da retirada de indicadores das respostas dos informantes relativos aos objetivos do estudo. Estas informações são estudadas a partir da análise das falas dos sujeitos, buscando identificar os objetivos que foram propostos na construção do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Por meio das categorias de análise, busquei expressar os conceitos dos colaboradores com clareza, pois percebi que os professores não tiveram dificuldade em responder as perguntas, mas como os mesmos não tiveram acesso antes a essas perguntas, pude notar certa apreensão antes de realizar a entrevista. Um dos professores não teve dificuldades em expressar seus conceitos, mas por ter inúmeras visões do assunto, acabava por fugir dele em determinado momento de sua resposta, mas ao mesmo tempo ajudou a mostrar a visão que tinha da Educação Física como disciplina. Os outros dois se mostraram mais tranquilos e objetivos em suas respostas, mas o que pude perceber foi que nenhum deles se

baseou em teorias para responder as perguntas, e sim nas suas próprias experiências em campo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS FALAS DOS PROFESSORES

Segundo Negrini (2004), referente à descrição, análise e interpretação das informações, diz respeito à forma de apresentá-las, embora não haja regras sobre essas questões, descrever e analisar os achados a luz dos objetivos do estudo e, em outro, interpretá-los.

De acordo com as falas dos professores realizadas na entrevista, apresentei neste capítulo juntamente com o referencial teórico, questões referente à valorização da Educação Física frente à avaliação voltada ao ensino médio. Essas informações se referenciam em três categorias que correspondem a Formação Inicial e Prática Pedagógica, Desvalorização da Educação Física e Concepções sobre Avaliação.

4.1 Formação Inicial e Prática Pedagógica: como eram as aulas e a avaliação na Educação Física escolar

Neste capítulo, apresentei como foram às experiências vividas pelos professores ainda estudantes no ensino médio e buscar entender que visão os mesmos tem da Educação Física e o que diferem hoje para a prática da disciplina.

Foi através da análise das entrevistas que percebi que a formação inicial não teve muita influência na forma com que os professores entrevistados trabalham atualmente, pois de acordo com suas falas, eles procuram nas aulas práticas não seguir um método tradicional de ensino, mas a forma de expressar suas idéias teoricamente, notei alguma mudança quando se tratava da disciplina de Educação Física. As falas a seguir estão exatamente de acordo com as respostas feitas nas entrevistas com os professores, onde estas falas seguem em itálico para diferenciar e melhor identificá-las.

“[...] naquela época eram valorizados aqueles alunos que jogavam melhor, então aqueles que tinham poucas habilidades ficavam de lado, não tinham muita oportunidade na quadra ou ficavam naquele vôlei no cantinho na rodinha [...]”.

(Profª Lisa)

“[...] eram as quatro modalidades básicas que a gente fazia, que era vôlei, handebol, basquete [...]”. **(Profª Maggy)**

“[...] era um período onde a educação física era feito estilo exercito né, muita disciplina no caso né [...]”. **(Prof Bart)**

A professora Lisa deixou claro que na época em que estudou, os alunos ditos mais aptos que tinham uma melhor relação nas aulas de Educação Física, e os alunos que não tinham muita habilidade acabavam não fazendo aula com os demais, se sentiam acuados para a prática, e, no entanto, não eram nem percebidos pelos olhos do professor. A professora Meggy, relata que as aulas de Educação Física, enquanto estudante, eram feitas através dos esportes mais hegemônicos. Já o professor Bart, no seu tempo de estudante, gostava das aulas de Educação Física, mas relata que as aulas eram um retrato marcado ainda pelo período militar. Mesmo que o final do seu período escolar tenha se passado por volta da década de 80.

Este período, marcado pela abordagem tradicional, não é constituída por abordagem teórica, mas sim pelo acúmulo de experiências através dos anos. Trata-se de uma concepção e uma prática educacional que persistiram no tempo, em suas diferentes formas, e que passaram a fornecer um quadro referencial para todas as demais abordagens que a ela se seguiram. (MIZUKAMI, 1986). Já para Snyders (1974, apud MIZUKAMI, 1986), é uma abordagem embasada no positivismo, que privilegia a transmissão do conhecimento a partir do socialismo instrumental e entende que o papel da educação é preencher lacunas dos alunos. Contudo, o professor tem o papel de transmissão de conhecimento produzido independente do interesse do aluno. (SAVIANI, 1980, p. 29).

O professor é visto pela abordagem tradicional, como um ser onipotente, ditador de regras, desvinculado da realidade, autoritário, enfim, inatingível. Segundo Darido (1999), a postura do professor tradicionalista na Educação Física é a daquele que quantifica as capacidades físicas, habilidades motoras e conhecimentos técnicos. Os resultados obtidos são, posteriormente, comparados com uma tabela que, provavelmente, não corresponde à realidade do aluno.

Os parágrafos anteriores mostram que a formação inicial destes colaboradores foi baseada nesta concepção, pois alunos acabavam por serem agentes passivos no processo ensino-aprendizagem, onde o professor apenas era um transmissor de conhecimento.

Sobre a avaliação, quando perguntei a forma com que os professores eram avaliados, foi notório que a observação era o critério avaliativo mais usado, mas que por sua vez prejudicava aqueles que não se apropriavam de grandes capacidades nas modalidades esportivas e talvez tenha influenciado na forma com que hoje um dos colaboradores se refira à avaliação nas próximas categorias.

“[...] não tinha naquela época, a prova, era só aula pratica mesmo e a nota era só... se destacava muito mais os alunos que tinham mais habilidades e eu lembro bem que naquela época tinha de Cooper, dos 12 minutos e ai sim, tinha a praça do congresso na frente e quantas voltas tu fazia era a tua nota”. **(Profª Lisa)**

“eu acho que era a observação né, os professores observavam a gente, e davam a nota... eu não lembro de fazer teste nada[...].” **(Profª Maggy)**

“[...] as avaliações eram feitas com a prática, a pratica no esporte que era no caso, o handebol, o basquete que se praticavam... o desempenho né, o comportamento e disciplina, o desempenho na pratica esportiva no caso, e muita disciplina era cobrado também. A disciplina e as faltas, não podia ter muitas faltas [...]”. **(Prof Bart)**

Na época da professora Lisa, ela conta que existiam as notas, mas não era de conhecimento dos alunos. Podemos levar em consideração que essas notas eram por conta das observações feitas pelos professores, por que a colaboradora Lisa lembra que a única avaliação feita era o teste de Cooper, onde a nota era devido ao tempo feito pelo aluno, ou seja, os mais capacitados fisicamente é que obtinham as melhores notas.

Na avaliação da época da professora Maggy, na entrevista ela conta que a observação era a única forma de avaliação, levando em conta que a participação era talvez um dos únicos critérios avaliativos exercidos pelo professor, fazendo-nos entender que mais uma vez os alunos ditos menos capacitados e com poucas habilidades acabavam sendo prejudicados no processo de avaliação.

O professor Bart diz que relata que as avaliações eram feitas também, através das observações dos professores a partir das aulas práticas feitas nas modalidades esportivas. Também relata que a frequência como ainda é hoje, é uma

forma de avaliação usada pra garantir a participação nas aulas e o único motivo de levar um aluno a reprovar na disciplina de Educação Física.

A avaliação usa uma medida, através de uma prova, que atribui ao aluno uma nota fria, que não serve para reformular o processo, e mede apenas habilidades cognitivas. Segundo Mizukami (1986), a avaliação na abordagem tradicional visa no aluno, a quantidade possível de informação que ele consegue adquirir, demonstrando por meio de suas notas, o nível de conhecimento alcançado.

Para Perrenoud (1999), a escola que temos tem o poder de declarar quem fracassa e quem tem êxito. Afirma que a avaliação é “tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos”. Dessa forma, segundo o autor, aquele que se preocupa com os efeitos de sua ação modifica-a para melhor atingir os seus objetivos.

A avaliação destinou-se durante muitos anos, um método que selecionava e rotulava alunos. Expunha, apontava sucessos e fracassos, causava danos irreparáveis à aprendizagem do aluno. A avaliação era feita somente no final de um período predeterminado pela instituição, comprometendo, assim, todo o processo de aprendizagem, descartando as possibilidades de recuperação. Vivemos novos tempos, mas ainda encontramos profissionais que se encaixam neste perfil de avaliador.

4.2 Desvalorização da Educação Física escolar: reflexões na avaliação

Já nesta categoria, foi apresentado o relato dos professores frente a realidade que eles enfrentam na disciplina de Educação Física atualmente, não só em relação as suas aulas, quanto a importância da disciplina de Educação Física na visão dos professores de outras disciplinas. Mesmo ela sendo hoje uma disciplina de currículo obrigatório, ela vem sofrendo grande preconceito pela comunidade escolar, que provavelmente pela falta de legitimidade nos conteúdos e a falta de vontade dos próprios profissionais esteja causando essa desvalorização.

A primeira pergunta apresentada nesta categoria aos colaboradores foi sobre a importância que a disciplina de Educação Física é vista hoje no ensino médio, o que me deixou de certa forma muito preocupado pela visão que alguns colaboradores deixaram em suas respostas.

“noventa por cento já trabalha, então eles precisam de uma atividade pra extravasa..., eles vem de manhã e alguns trabalham em supermercado até 10 horas da noite. Eles precisam de uma atividade pra extravasa”. (Profª Lisa)

“[...] é um momento de lazer ta, por que muitos vem cansado do trabalho, então é um momento de lazer, de diálogo, deles se entrosarem, de fazerem aquilo que eles gostam entendesse? Então assim, como professor a gente abre assim um leque de atividades pra eles participarem, de terem um momento de descontração”. (Profª Maggy)

“Muito importante, pra conhecer os esportes, pra adquirir o gosto por todos os esportes, por que tem educando que consegue gostar de todos, e vai levar até o educando pra universidade né, inclusive pra educação física na universidade”. (Prof Bart)

A colaboradora Lisa entende que pelo fato de grande parte dos alunos do ensino médio já trabalharem, ela deve ser usada mais para um momento de descontração e recreação. Desse modo, nos faz pensar na Educação Física como uma disciplina em que o professor não construa o conhecimento juntamente com os alunos. Mesmo que a construção de conhecimento possa partir das aulas recreativas e lúdicas, desde que tenha um planejamento a ser feito e objetivos a ser seguidos. Entende-se portanto, que nesta fala da colaboradora Lisa, as aulas que ela diz ser mais recreativas, é no sentido de passatempo e descontração. Por meio dessas atividades recreativas, a professora poderia então, aproveitar muito mais suas aulas sem perder o foco e não fugir dos critérios da avaliação.

Do mesmo modo, a professora Maggy, acha a disciplina de Educação Física importante por que ela pode realizar várias atividades de forma recreativa, isso por que os alunos do ensino médio já são trabalhadores e precisam de um momento para curtir o ensino noturno.

Em resposta a importância da disciplina de Educação Física, o professor Bart vai um pouco mais longe quanto ao conhecimento e as escolhas profissionais que serão feitas pelos alunos mais a frente. Entende-se em sua fala, que podemos

tentar juntamente com os alunos, construir a sua cidadania e autonomia para suas escolhas profissionais com um conteúdo amplo e bem planejado.

O Ensino Médio merece uma atenção especial, pois demonstram uma progressiva desmotivação em relação à Educação Física, pois adquirem uma visão mais crítica, e já não atribuem à Educação Física com tanta importância. Os conteúdos de Educação Física no ensino médio devem apresentar características próprias e inovadoras, que considerem a nova fase cognitiva e afetiva social atingida pelos adolescentes. Integrar o aluno na cultura corporal de movimento pode-se proporcionar ao aluno o usufruto dessa cultura, por meio das práticas que ele identifique como significativas para si próprio. Por outro lado, capacidade de análise e de crítica já presentes nessa faixa etária permitem uma abordagem mais complexa de aspectos teóricos, requisito indispensável para a formação do cidadão capaz de usufruir, de maneira plena e autônoma, a cultura corporal de movimento. A aquisição deste conjunto de conhecimentos deverá ocorrer na vivência de atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde e bem-estar.

Portanto, a Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de se posicionar criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. Mas é preciso deixar claro que a Escola hoje no Brasil não poderia se equipar com estrutura e funcionamento como às academias e clubes, mesmo porque é outra a sua função.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa, que é introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena: é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade”. (BETTI, 1992). Para Sant’Anna (1995). Há professores que se orgulham de ser raladores, outros, ao contrário, de só atribuírem o grau máximo. Deveriam se orgulhar isto sim, de serem humanos e competentes em suas atribuições.

Sobre a importância da Educação Física, pergunto agora qual a importância que é vista a disciplina de Educação Física pelos outros professores de outras disciplinas.

“[...] a Educação Física ainda é... pouco marginalizada, apesar de todo esforço e na época que eu tava na universidade já era assim, e a gente já tentou mudar isso mais é muito difícil. É bem difícil por que cada profissional valoriza a sua disciplina, não adianta dizer que não é. Mas ela só vai ser valorizada dentro da escola a partir do momento em que o professor de Educação Física valorizar, e se eu não der valor pra minha aula, ninguém mais vai dar [...]”. (Profª Lisa)

“[...] a gente nota assim por uns comentários... que a as aulas de educação física são fáceis, bom, se eu soubesse eu tinha feito essa faculdade né (comentários de outros professores de outras disciplinas), mas que não é bem assim, a gente como professor de educação física sabe que existem algumas dificuldades, como em qualquer área [...]” “[...] e esse prazer que eles tem de fazer é que parece que é fácil mas não, por que tem bastante coisa que a gente tem que trabalha, tem que estuda, tem que se aprofundar pra gente passa esse conhecimento para os alunos”. (Profª Maggy)

“[...] as outras disciplinas vêm como qualidade de vida, a socialização entre o masculino e o feminino, a ajuda mutua do masculino com o feminino [...]”. (Prof Bart)

A colaboradora Lisa, em sua fala demonstra certa indignação que já vem desde antes da sua formação e que hoje no local de trabalho encara situações de preconceito quanto ao seu conteúdo e procura demonstrar valorização dentro da sua área. Mas esse tipo de situação acontece também pela falta de autonomia dos próprios profissionais em relação as suas aulas, dando novamente mais motivos para repensarmos quanto ao planejamento e as metodologias de ensino adotadas pelos professores.

A professora Maggy, frente a essa pergunta, diz que as outras disciplinas ironizam e têm um conceito pré-estabelecido de que a disciplina de Educação Física é vista como uma matéria fácil pelo simples fato dos alunos gostarem das aulas. Mas ressalta que como todas as disciplinas a Educação Física deve estar sempre se atualizando a novos conteúdos.

Na fala do professor Bart, as outras disciplinas têm uma visão bem diferenciada do que nas falas das professoras Lisa e Maggy, pois ele conta que os outros professores vêem como uma disciplina relacionada a saúde e a socialização entre os alunos já que a disciplina possibilita isso por eles estarem mais próximos.

Esse tipo de pensamento quanto a disciplina, mostrado pelos colegas do colaborador Bart, passa certa tranquilidade, por que desse modo, não é generalizada a visão de que a Educação Física não é em toda área da Educação vista sem importância. É uma oportunidade para o professor de Educação Física não deixar escapar e mostrar o valor que a disciplina pode ter dentro da escola, participando efetivamente em reuniões de professores, abordando assuntos vinculados as outras disciplinas, fazendo com que o aluno é o verdadeiro motivo deles estarem ali, buscando conhecimentos necessários para sua autonomia.

Na atualidade, o currículo escolar obedece aos critérios de divisão do conhecimento que impera na ciência moderna. A matemática, as ciências, as línguas, a geografia, correspondem às áreas do saber científico e que se desenvolveram especializada e isoladamente. A Educação Física não se enquadra nesses limites e ocupa hoje um lugar incômodo na Escola, o que leva ao questionamento tanto dela própria, como da educação escolarizada e suas finalidades. Nesse contexto, é compreensível que a tradição educacional brasileira tenha se situado a muitas décadas atrás, a Educação Física como uma atividade complementar e relativamente isolada nos currículos escolares, com objetivos as vezes determinados de fora para dentro: treinamento pré-militar, eugenia, nacionalismo e preparação de atletas.

Por isso, segundo Betti (1992), num processo de longo prazo, a Educação Física deve levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com elas. Levar à aprendizagem de comportamentos adequados à sua prática, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto os dados científicos e filosóficos relacionados à cultura corporal de movimento, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento.

4.3 Concepções sobre Avaliação: a reprovação em debate

Nesta terceira categoria, dissertei sobre as concepções de avaliação adotadas pelos professores e analisar a importância deste critério nas aulas de Educação Física e que visão que eles teriam da reprovação nesta disciplina.

Segundo Moretto (2001), a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. Se a abordagem no ensino foi dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem seguiu a mesma orientação. É parte integrante do ensino e da aprendizagem. A perspectiva construtivista sociointeracionista propõe uma nova relação entre o professor, e o aluno e o conhecimento, ela parte do princípio que o aluno não é um simples acumulador de informações, ele é um construtor do próprio conhecimento. Essa construção se dá com a mediação do professor, numa ação do aluno que estabelece a relação entre suas concepções prévias e o objeto de conhecimento proposto pela escola. Assim fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor. (MORETTO, 2001)

“[...] a avaliação pra mim não precisava ter, por que eu tenho que dar a nota pro fulano que joga menos e talvez dar a mesma nota pro fulano que é atleta? Não é justo, claro que não! [...] Agora pra mim a avaliação não precisava ter na educação física, de maneira nenhuma. Mas também é uma arma que a gente tem pra botar na quadra aqueles que não vão, que acabam gostando, mas é a única arma que a gente tem.” (Profª Lisa)

“[...] a observação, registro, e principalmente assim, trabalhos, pesquisa, pra eles sempre estar buscando alguma coisa de novo que ta vindo agora, as informações também da nossa área entendesse.” “[...] eu sempre procuro conhecer a história de vida dele, por que ele ta aqui, como é que ele foi, como é que ele veio, de onde ele veio, onde ele estudou, onde se formou, o que ele aprendeu. Tipo assim, eu faço uma avaliação diagnóstica, conhecer o aluno, sempre muito diálogo[...]”. (Profª Maggy)

“é muito importante a avaliação, pois tem o comprometimento do educando com a matéria no caso né, com a disciplina, e o aluno até procura participar pra ter um bom desempenho, uma boa nota no caso.” (Prof Bart)

Na concepção da professora Maggy, ela acaba se contradizendo em alguns pontos referente a importância da avaliação e para que é usada. Em sua resposta, ela se apropria da avaliação como um critério usado como forma de punição para que os alunos se sintam na obrigação de participar das aulas, mas ao mesmo tempo ela conta que uma auto-avaliação ajuda a dar suporte nas aulas até mesmo para rever os conceitos de sua própria metodologia de ensino. Torna-se também de acordo com a professora um processo complicado, pois avaliar dois alunos de diferentes capacidades em algumas modalidades pode acabar beneficiando os ditos mais capacitados.

Sobre a avaliação devemos considerar que este critério só terá eficácia se for interativa, alicerçada em objetivos, ou seja, não é instrumento para “uso” do professor, como também não é agente de punição, deve-se valorizar o aluno em todas as suas potencialidades, de modo a ser processual.

A avaliação portanto não deve ser visto dessa forma, ela deve ter uma ponte entre desempenho e capacidade para não beneficiar os “melhores dos piores”, mas sim criar condições necessárias para que o aluno possa adquirir o conhecimento e o professor possa avaliar de acordo com cada especificidade do indivíduo.

A professora Maggy entende que deve ter a avaliação na Educação Física, mas por meio de trabalhos, pesquisas e principalmente da observação, onde se deve conhecer o aluno desde seu histórico de vida, para poder entender o desempenho e interesse do aluno nas aulas.

De acordo com a resposta da colaboradora Maggy, podemos usar o referencial baseado na concepção de Libâneo (1994), onde a avaliação tem três funções: a função pedagógica *didática*, que se refere aos objetivos gerais e específicos, bem como os meios para atingi-los, pois estes constituem um ponto de partida, e os critérios e procedimentos avaliativos. A função *diagnóstica*: essa função permeia todas as fases do ensino, possibilitando o cumprimento da primeira função citada. Portanto, se refere à análise sistemática das ações do professor e dos alunos, visando detectar os avanços e desvios do trabalho docente em relação aos objetivos, conteúdos e métodos. E por último, a função de *controle*, que se refere à comprovação e qualificação sistemática dos resultados da aprendizagem dos alunos, face ao proposto pelo professor.

De acordo com a resposta do colaborador Bart, ele acredita que a avaliação é importante, mas também tem um peso obrigatório na questão quantitativa, pois faz com que os alunos se sintam na obrigação de participar das aulas para alcançar uma boa nota e conseqüentemente aumentando o desempenho dos mesmos. Isso ainda indica que a avaliação está sendo usada apenas como forma de medição na aquisição cultural, que infelizmente faz com que dentro da própria realidade dos alunos, faça com ocorra seletividade entre os mesmos, causando constrangimento e rotulação.

A avaliação quantitativa acaba generalizando os alunos, nos faz acreditar que todos são iguais e que o mesmo tratamento deve ser dado a todos. Freire (1994), ao citar: “Quem é igual não tem o que trocar”, reafirma que somos diferentes uns dos outros e temos que permanecer diferentes por uma única e simples razão: a nossa diferença é que faz cada um ser especial, cada um ter suas qualidades, seus valores e cada um ser bom naquilo que realmente entende que venha a acrescentar algo em sua vida.

Partindo então para o que seria conseqüência e falta de subsídios no processo avaliativo, procuro saber o que pensa os colaboradores sobre a reprovação na disciplina de Educação Física, pois ela sendo obrigatória, passa a ser um assunto muito polemico na área da educação atual.

“[...] eu acho que reprovação do aluno é mais fracasso do professor. Na educação física! Por que ta fora de cogitação, pelo menos pra mim, bom... como é que eu vou reprovar um aluno, dizer que não ta apto por que ele não consegue fazer um saque por cima?” “[...] não é reprovando que eles vão aprender, reprovando eles vão parar de estudar e que muitos param, não é desestimulando, tem que estimula! Na Educação Física não, acho que isso na educação física não existe. Eles reprovam quando, quando desistem de estudar, ele não vem mais pra aula, daí desistiu.” “[...] até já deixei uma aluna em provão, ela dizia: não gosto, foi com 5, com 4, daí deixei pra fazer provão, ela fez o provão e esse ano é a minha melhor aluna da sala. Nunca mais eu vou fazer provão de Educação Física. Claro que eu não ia reprovar, mas só pelo fato de ela ter feito provão, ela se sentiu tão envergonhada, e agora ela não sai mais da quadra, não precisa mais mandar”. (Profª Lisa)

“Nunca reprovei aluno..., se o aluno no caso reprovou foi ele mesmo né, no caso, ou ele deixou de fazer totalmente as aulas, ou nunca veio, ou nunca se interessou, mas eu sempre busco uma forma de ajudar o aluno, de alguma maneira ele ter o interesse, e gostar, se ele não gosta nem da prática, por que tem um caso de um aluno, ou não pode fazer por motivo de saúde, ou por algum motivo de não gostar mesmo. Têm alguns casos né, a gente busca alguma maneira junto com o próprio aluno, de conhecer, o que a ele poderia fazer, de contribuir pra aprender, por que tem tipo, alguns alunos que não gostam de fazer, aí eu vou em cima, converso, não... então me diz alguma maneira que eu posso te cobrar alguma coisa para você ter um aprendizado.” (Profª Maggy)

“a reprovação hoje pelo que eu conheço assim é coisa rara, já existiu casos, mas eu acho bem raro, a reprovação no caso..., ou se o aluno abandonou a escola, ou ele não se interessar, muita falta no caso, [...]”. (Prof Bart)

Na resposta da colaboradora Lisa, ela mais uma vez se contradiz as falas anteriores fazendo pouca importância da disciplina de Educação Física. Ela coloca o peso da reprovação nos ombros dos professores, como um trabalho mal realizado pelos profissionais. Essa generalização de que reprovação do aluno é mais fracasso do professor, pode se dar pelo visão que sem tem hoje da Educação Física como uma disciplina “fácil”, que não reprova. Em minha opinião, os conceitos sobre a avaliação não são mais ou são poucos revistos pelo escola e talvez um pouco de falta de interesse dos próprios professores da área, que poderiam através dos conselhos e reuniões, rever estas questões e começar a tentar legitimar a Educação Física escolar. Em sua fala, ela também faz uma relação da reprovação a falta de habilidade dos alunos, como se a falta de habilidades e capacidades fossem um dos únicos reais motivos e critérios para reprovação. Mas de acordo com a professora, isso apenas acontece pela ausência do aluno nas aulas, e que fora isso a reprovação é um atraso na vida dos sujeitos e usam a reprovação para amedrontar os alunos por meio das avaliações finais. Outro ponto a ser levantado pela colaboradora Lisa em sua resposta, foi relacionar o reprovação como um atraso na vida do aluno. Podemos até talvez pensar que sim, mas acho que o professor deve aproveitar as reuniões que me referi a pouco, e discutir esse assunto para ser mais concretos e sua decisão, pois muitas escolhas que fazemos pensando em nosso

benefício, pode nos levar a ter um atraso na vida e todos devemos estar consciente dessas conseqüências. Isso pode até ser usado para discutir com os alunos do ensino médio, pois eles estão em uma fase de completa autonomia, querendo tomar suas decisões sem consentimento de ninguém.

Já com a professora Maggy ela se relaciona a reprovação por culpa do próprio aluno. A falta de interesse em participar das aulas, a ausência nas aulas de Educação Física são os principais motivos para reprovação. Mas ela relata que tenta buscar no aluno o gosto pela disciplina, para evitar que esses problemas ocorram, mesmo acontecendo casos de alunos que não se adaptam as aulas praticas, ela tenta chegar a um consenso com o aluno para ele expor suas dificuldades e assim fazer algo que lhe agrade na aula. De acordo com a fala da colaboradora Maggy, pude perceber certa falta de autonomia quanto aos seus conteúdos, a intenção da professora é com certeza das melhores, mas ela deve construir junto com o aluno a aquisição cultural, criando possibilidades para que isso aconteça, e não perguntar o que ele quer fazer na aula, ou seja, ela está lá para exercer aquilo que eles gostam e não aquilo que podem aprender a gostar.

Mizukami (1986), aponta a educação na abordagem comportamentalista como finalidade primeira a criação de condições que facilitem a aprendizagem do aluno, e como objetivo básico liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional.

O professor Bart vê a reprovação como algo que dificilmente acontece, “coisa rara”, e como nas falas das outras professoras, a ausência do aluno nas aulas que é um dos maiores motivos para reprovar. O que pude perceber a partir dessa concepção, é que a ausência de aluno é mesmo o maior motivo para reprovar, um número total de faltas, pois mesmo que o aluno digamos assim, enrole o ano inteiro, por algum motivo ele não poderá ser reprovado. Não levo aqui em consideração a prática pedagógica, a metodologia de ensino ou qualquer critério usado pelo professor, fazendo-nos pensar que disciplina de currículo obrigatório é a Educação Física, que não tem autonomia para a tomada das decisões pedagógicas envolvidas em todas as disciplinas de uma escola. Entende-se portanto em minha concepção, que mesmo uma boa aula sendo desempenhada, ainda a uma tremenda falta de desvalorização quanto a avaliação e os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física.

5 CONCLUSÃO

A disciplina de Educação Física tem um papel fundamental na escola, e para os profissionais da área, sabemos qual a importância dela para que o indivíduo possa se transformar e alcançar o auge de sua cidadania. Tornar-se um sujeito de autonomia e criticidade suficiente para tomar suas próprias decisões com sabedoria e responsabilidade, a partir de seu meio social e cultural. Mas do que serve entender todo esse papel, se não legitimarmos a Educação Física escolar, buscar fazer com que toda a comunidade escolar possa ter esse entendimento quanto a sua importância, se os educadores na área da Educação Física não começar a se preocupar mais com o processo ensino-aprendizagem dentro de sua disciplina.

A Educação Física escolar está ameaçada por ela mesma, por meio da falta de identidade na Educação, e mesmo ela sendo uma disciplina de currículo obrigatório, não tem autonomia nem em seu próprio conteúdo, nos métodos avaliativos, quanto mais autonomia para estudar o caso de um aluno que possa vir a ser reprovado na disciplina.

Para poder chegar a esse assunto, tive como objetivo geral, Descrever como os professores de Educação Física escolar, compreendem a avaliação e a reprovação nesta disciplina, buscando entender as concepções que embasam as decisões metodológicas construídas durante o desenvolvimento profissional destes professores. Esse objetivo partiu do tema, Concepções de ensino que amparam a avaliação na disciplina de Educação Física no ensino médio: um olhar na reprovação. As concepções de ensino me ajudaram a dar suporte e entender como a Educação Física é tratada por cada professor colaborador desse trabalho, pois de acordo com suas falas, pude perceber que os três participantes tinham visões distintas e ao mesmo tempo em determinados assuntos bem semelhantes.

A importância da Educação Física e da avaliação, e a reprovação foram os assuntos que optei para ver qual a visão que os professores tinham referente a esses assuntos. Os colaboradores em suas falas, sempre deixaram bem claros que a Educação Física tem uma extrema importância para o aprendizado dos alunos, mas por meio dos critérios de avaliação, e metodologia de ensino, acredito que eles estejam não sabendo do que isso pode ocasionar com a disciplina nas escolas pela falta do que chamo de legitimidade.

Referente a avaliação, percebi que ela ainda tem usada de forma quantitativa, na medição de conhecimento, que ao meu ver, a concepção de avaliação dos professores tem um sentido e um objetivo, mas contrapostos a como ela deve ser utilizada. Em alguns casos, a avaliação é usada como métodos de punição para obrigação a participação das aulas, vinculado a “reprovação” na disciplina, onde está palavra é usada em muitos casos para amedrontar os alunos, sendo vista desse modo a disciplina de Educação Física, sem importância para o currículo dos alunos do ensino médio.

A importância a que tanto me refiro no presente trabalho, é constantemente testada ainda dentro da própria escola, sendo a disciplina utilizada para outros fins não destinados a Educação Física. O que acontece hoje é que os professores desta disciplina procuram até evitar com que isso não aconteça na escola, não permitindo a utilização de suas aulas, mas acaba sendo dentro da sua própria aula que a importância atribuída a Educação Física é colocada de lado pela aula destinada à recreação como um passatempo sem objetivos prévios.

Foram abordados neste trabalho alguns autores que falam das concepções de ensino ao longo dos anos, e alguns que entendem a avaliação como um processo a ser construído a partir do início do ano letivo e não numa visão quantitativa, feita no final do ano como forma de medição da aquisição de conhecimento dos alunos. Por fim, esse processo acaba classificando e rotulando o indivíduo dentro da escola, por meio das notas que acabam por não dizer o que o aluno pode realmente aprender ou não dentro do processo ensino-aprendizagem.

Quanto à desvalorização da Educação Física escolar, um dos problemas que mais me preocupa, é notória de acordo com as falas dos professores, que isso vem acontecendo pelo que bem sabemos ao longo de todo um contexto histórico da disciplina, mas é principalmente hoje que esse real problema vem ameaçando a disciplina quanto a sua permanência na educação.

Todo esse problema, não deve ser colocado na comunidade escolar essa culpa de falta de identidade, pois são os profissionais da área que se limitaram a não se impor quanto a seus conteúdos e formas de buscar construir a aquisição cultural quando tiveram a oportunidade de fazer com que a Educação Física pudesse ter a sua identidade reconhecida e mostrada e qual o seu verdadeiro papel. Mas cabe aos professores de hoje, e os que estão entrando no campo pedagógico da Educação Física buscar fazer com que sejamos vistos com respeito e importância dentro da

escola, e não mais visto como uma disciplina recreativa, onde os alunos relaxam suas mentes cansadas provenientes de outras disciplinas.

Não existe nenhuma lei que diga que a Educação Física escolar tenha que ser a disciplina fácil, uma aula que não tem prova, o aluno se diverte e ninguém reprova. Para isso, o professor deverá a partir de ontem, começar a ter uma participação efetiva dentro da escola, mostrar seu rosto nas reuniões e conselhos da escola, discutindo e não só como um corpo presente dentro destas reuniões. Mostrar a importância de seus conteúdos e da avaliação, também que os conteúdos da Educação Física vinculado as outras disciplinas pode ser mais prazerosa para o aluno, já que ele acha que a disciplina de Educação Física é a mais “legal” dentro da escola.

A educação Física escolar em minha opinião, não sabe mais realmente o seu verdadeiro papel pedagógica. Portanto, deixo como proposição, que os professores a partir de agora tenham um planejamento baseado em objetivos concretos, que possam junto com outras disciplinas buscar construir e transformar os alunos do ensino médio, sendo que estes estão em uma fase de começar a pensar em planejar o futuro de certa forma. O papel de transformar o aluno em cidadão é restritamente da escola, devendo tentar fazê-los entender, portanto que a Educação Física e seus professores precisam justificar à comunidade escolar e à própria sociedade o que já sabem fazer, e, mediando as relações entre teoria e prática pedagógica, inovando e experimentando novos conteúdos, estratégias, e metodologias, para que a Educação Física siga contribuindo para a formação integral destes jovens, para a apropriação crítica da cultura e da sociedade vigente.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. **Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luis Roberto. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Barueri, v. 1 n. 1, p. 73-81, jan./jun. 2002.

BRACHT, Valter. **Desafios das propostas pedagógicas progressistas da Educação Física.** in: revista cedes. ano XIX, nº 48, 1999.

COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** Ed. Cortez: São Paulo – SP, 1992.

DARIDO, S. C **Avaliação em Educação Física:** das abordagens à prática pedagógica. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 5, 1999, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Usp, 1999.

DEPRESBITERIS, Lea. **O desafio da avaliação da aprendizagem:** dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.

FERREIRA, R. **Avaliação processual: um estudo de caso na unidade acadêmica de ciências sociais aplicadas – UNA CSA da universidade do extremo sul catarinense – unesc.** 2010. 152f Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2010.

FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1994.

GATTI, B.A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção Formação de Professores).

ILHA, Franciele Roos da Silva; KRUG, Hugo Norberto. **O Professor de Educação Física e sua participação na Gestão Escolar: contribuições para a formação profissional.** *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 4, n. 1, dez. 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 18. Reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOLINA NETO, Vicente, TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Ed.

Universidade/UFRGS / Sulina, 2 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS / Sulina, 2004. p. 107-135.

MORETTO, Vasco Pedro. Avaliar com eficácia e eficiência. In: **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001, p. 93 – 122.

NEGRINI, Airton. A Pesquisa Qualitativa em Educação Física: Alternativas Metodológicas. In: MOLINA NETO, Vicente, TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS / Sulina, 2 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS / Sulina, 2004. p. 73

PERRENOUD, P. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SANT'ANNA, I. M. **Por que Avaliar? Como Avaliar?** Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 4 ed. Revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SOUZA, Clariza Prade de. **Avaliação do rendimento escolar**, 6 ed. Campinas SP : Ed. Papyrus, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A:

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO DE REDE ESTADUAL MATUTINO E NOTURNO E ESCOLA PARTICULAR

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

ORIENTANDO: Leonardo Cabral Moreira

ORIENTADOR: Victor Julierme S. da Conceição

Tema do Trabalho de Conclusão de Curso: **Concepções de ensino que amparam a avaliação na disciplina de Educação Física no ensino médio: um olhar sobre a reprovação.**

Objetivo Geral: Descrever como os professores de Educação Física escolar, observam a avaliação e a reprovação nesta disciplina, buscando entender as concepções que embasam as decisões metodológicas construídas durante o desenvolvimento profissional destes professores.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

- 1 – Como foi as suas aulas de Educação Física no ensino médio?
- 2 – Como eram as avaliações nas aulas de Educação Física quando você ainda era estudante?
- 3 – Em sua opinião, o que é pra você a disciplina de educação Física hoje?
- 4 – Em sua opinião, qual a importância da Educação Física no ensino médio?
- 5 – E como você acha que a Educação Física é vista pelas outras disciplinas?
- 6 – Em sua opinião, de que forma que a Educação Física pode contribuir para a construção do conhecimento dos alunos?
- 7 – Em sua opinião, qual a importância da avaliação na disciplina de Educação Física?
- 8 – E o que você pensa da reprovação hoje no campo pedagógico?
- 9 – Em sua opinião, o que leva hoje um aluno a reprovar?
- 10 – Sobre a autonomia do professor. Você acha que ele tem ou deve ter autonomia para reprovar um aluno? Por quê?
- 11 – Você acha que os professores hoje, tem algum conhecimento sobre legislação referente à reprovação na disciplina de Educação Física?

ANEXOS

ANEXO A**UNIDADES DE SIGNIFICADO**

- Formação técnica.
- Valorização dos mais aptos para o esporte.
- Exclusão dos menos habilidosos no esporte.
- Autonomia dos menos aptos para aproveitar o tempo da disciplina.
- Conhecimento dos mais aptos.
- Divisão das notas melhores dos mais aptos e menores para os menos aptos.
- Os alunos não tinham conhecimento da avaliação e de suas notas.
- As aulas eram apenas prática.
- O melhor rendimento alcançava a melhor nota.
- A maior parte dos alunos do ensino médio já trabalha.
- Usam a disciplina de Educação Física como forma de descontração.
- Trabalha as regras do esporte.
- Prioriza a aula recreativa.
- Obrigatório o uso adequado do uniforme para a prática esportiva.
- Segurança nas aulas com o uso adequado de uniforme.
- Salvo das aulas práticas quem tem atestado.
- Obriga os alunos a participar das aulas.
- Educação Física vista com discriminação pelas outras disciplinas.
- Todas as disciplinas são valorizadas pelos seus profissionais.
- Valorização da disciplina de Educação Física pelo próprio profissional.
- Obriga os alunos a fazerem aula para valorizar a disciplina.
- Mudança de opinião em relação a prática de modalidades diferentes com a obrigação da prática.
- Pouco interesse dos alunos devido a falta de conteúdo no ensino fundamental.
- Melhora na relação e respeito pelas diferenças.
- Utilizar o conteúdo da disciplina fora do horário de aula.
- Cita a avaliação como um critério complicado na hora de avaliar os alunos.
- Participação e cooperação nas aulas é a forma de avaliar.
- Cita a prática como a mais importante forma de aprender.
- Utiliza a avaliação para amedrontar e obrigar os alunos a participarem da aula.
- Professor é culpado pela reprovação do aluno.

- Questiona a reprovação do aluno pela falta de habilidade.
- A reprovação é um atraso na vida pessoal.
- Falta de critério para avaliar um aluno na hora de aprovar ou reprovar.
- Ausência nas aulas é o único motivo para reprovar.
- Utilizou das provas finais para punir o aluno.
- Pouca importância na disciplina de Educação Física.
- Falta de autonomia do professor por receio.
- Cita novamente a reprovação como atraso na vida.
- Professores reprovam como forma de punição.
- O professor é manipulado pela falta de registro teórico.
- Ironiza a reprovação na Educação Física através do aluno.
- Usam da disciplina de Educação Física para punir os alunos em outras disciplinas.
- Conteúdo em cima dos esportes mais hegemônicos.
- Notas baseadas na observação.
- Aulas de Educação Física é um momento de descontração.
- Aulas limitadas pela falta de recurso material.
- Trabalha o aluno prática e teórica.
- Fazer as aulas com prazer e vontade.
- Outras disciplinas vêem a Educação Física como uma matéria fácil.
- Satisfação dos alunos demonstra facilidade nos conteúdos.
- Atividade física indica melhora na qualidade de vida.
- Usar os conteúdos da Educação Física fora do horário escolar.
- Avaliação baseada na disciplina.
- Conhecer o aluno como um todo ajuda na avaliação.
- Ausência do aluno é principal causa da reprovação.
- Fora a ausência, provas e trabalhos são usados para que o aluno não venha a ser reprovado.
- Nenhum conhecimento sobre leis referente à reprovação.
- Normas sobre aprovar ou reprovar apenas decididas no conselho de classe.
- Nenhum caso de reprovação em mais de vinte anos.
- Aulas centradas nos esportes mais hegemônicos.
- Educação Física baseada no treinamento militar.
- A não participação das aulas só em caso de doença.
- Avaliações feitas através do desempenho e participação do aluno.

- Encara a disciplina como uma matéria que os alunos respeitam por que gostam.
- Adquirir conhecimento dos vários tipos de esportes.
- Preparar o aluno para a vida acadêmica.
- Outras disciplinas relacionam a Educação Física aos cuidados com a saúde.
- Cooperação e socialização entre os sexos.
- A ludicidade como parte importante do desenvolvimento.
- Avaliação usada para a participação e comprometimento do aluno com a disciplina.
- Reprovação na Educação Física vista como caso raro.
- Ausência do aluno nas aulas ainda é o principal motivo da reprovação.
- Falta de interesse e se negar a fazer aula pode levar a reprovação.
- Autonomia do professor é fundamental devido às explicações para o conselho.
- A reprovação acontece por que é permitido por lei.
- Professores conhecem e cumprem a lei educacional.